

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Juliana Turra Zanatta

**ESTUDO EVOLUTIVO DO QUADRO
PREVISÃO DO TEMPO DO JORNAL NACIONAL**

Passo Fundo

2016

Juliana Turra Zanatta

ESTUDO EVOLUTIVO DO QUADRO
PREVISÃO DO TEMPO DO JORNAL NACIONAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção de grau Bacharel em Jornalismo, sob orientação da professora Ms. Nadja Hartmann.

Aprovada em ____ de _____ de ____.

Prof^a Ma. Nadja Hartmann – UPF

Prof. Dr. _____ - _____

Prof. Dr. _____ - _____

Dedico este trabalho a todas as pessoas que acompanharam, em todos os momentos, a minha caminhada em busca do sonho de me tornar jornalista.

AGRADECIMENTOS

A vida é mesmo maravilhosa. Apresenta-nos as pessoas sempre com algum propósito. Algumas nos servem de exemplo... Outras nos ensinam a não ser como elas. E assim, nessa jornada a vida me presenteou com pessoas maravilhosas e eu sou muito grata a ela por ter possibilitado tantos momentos maravilhosos ao lado de pessoas incríveis.

Por isso quero agradecer aos meus pais, Valdecir e Melânia, por me darem todo o suporte necessário para eu poder chegar até aqui. Ao meu irmão Evandro que me consolava nos momentos mais complicados, com apenas uma frase: “Você sabe que no final as coisas dão certo”. E assim eu enxugava as lágrimas e voltava a sorrir. A minha nona Rosa, minha segunda mãe, que sempre insistiu em dizer: “Estude, aproveite que você pode!”. A minha cunhada que nos deu o maior presente de 2015: o Elano Luiz.

Agradeço também aos meus amigos de coração (vocês sabem quem são), que sempre estiveram ao meu lado, em todos os momentos e que mesmo na distância entenderam que a amizade verdadeira vai muito além do que se falar todos os dias. Sem vocês, meus caros, a vida não faria sentido.

Aos meus colegas de trabalho da UPFTV, pessoas incríveis e que admiro muito, com quem eu compartilho, todos os dias, muito mais que minha rotina, mas minha vida.

A pessoa que eu considero minha mãe na faculdade, Nadja Hartmann, que além de ser orientadora deste trabalho de conclusão de curso, me orienta na vida. É aquela pessoa que acredita mais em nós, do que nós mesmos. Eu não tenho palavras para definir a importância que você tem em minha vida. Obrigada por tudo!

**Obrigada a todos vocês que passaram pela
minha vida e me ensinaram algo novo.**

RESUMO

Neste estudo evolutivo, busca-se compreender as mudanças ocorridas nos últimos cinco anos no quadro da previsão do tempo do Jornal Nacional. Mudanças estas relacionadas ao estilo, formato e linguagem audiovisual. Este objeto de pesquisa foi escolhido por se perceber que nos últimos anos a previsão do tempo passou a exercer um papel muito mais amplo e importante na sociedade. As mudanças bruscas no clima e no tempo obrigaram os meteorologistas a informarem previsões mais precisas e reais. Para compreensão deste estudo, parte-se da fundamentação histórica do telejornalismo no Brasil, seguido por gêneros e formatos televisivos, a nova fase da televisão e conceitos do jornalismo. A metodologia aplicada neste estudo consiste nos modos de endereçamento, tendo como principais operadores de análise, o mediador e o contexto comunicativo.

A partir disso, foi concluído que as mudanças ocorridas no cenário, na linguagem e no formato, foram atribuídas há uma série de fatores, tais como tonar o jornalismo mais atraente aos olhos dos telespectadores, que nos últimos anos estão trocando os canais abertos, por canais a cabo, ou programações da internet. O novo formato chegou na Globo em 2015 com o intuito de transformar o tradicional formato do jornalismo de TV. De uma forma mais leve, a previsão do tempo passou a ser mais atraente, utilitária e significativa aos olhos dos telespectadores.

Palavras-chave: Jornalismo Especializado. Jornal Nacional. Contexto Jornalístico. Previsão do Tempo. Telejornalismo.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Gêneros e Formatos Jornalísticos	23
Tabela 2 – Formatos do Gêneros Utilitário	24

LISTA DE FIGURAS

Figura 1– Quadro da previsão do tempo no Jornal Nacional, em 2011.....	38
Figura 2– Quadro da previsão do tempo no Jornal Nacional, em 2013.....	39
Figura 3– Quadro da previsão do tempo no Jornal Nacional, em 2015.....	40

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 TELEJORNALISMO NO BRASIL.....	11
1.1 A nova fase da TV.....	15
1.2 Notícias na TV.....	16
1.3 Linguagem telejornalística.....	19
2 GÊNEROS TELEVISIVOS.....	21
2.1 Gênero utilitário.....	23
2.1.1 Formatos gênero utilitário.....	25
2.2 Jornalismo especializado.....	25
2.3 Jornalismo científico.....	27
2.4 A meteorologia no telejornalismo.....	28
3 ANÁLISE.....	30
3.1 Jornal Nacional.....	30
3.2 A nova face do Jornal Nacional.....	32
3.3 O quadro da previsão do tempo no Jornal Nacional.....	34
3.4 Metodologia.....	35
3.5 Operadores de análise.....	36
3.6 Descrição dos quadros.....	37
3.6.1 Programa 1: 13 de outubro de 2011 (ANEXO 1).....	38
3.6.2 Programa 2: 14 de fevereiro de 2013 (ANEXO 1).....	39
3.6.3 Programa 3: 07 de julho de 2015 (ANEXO 1).....	40
3.7 Análise conforme Operadores de Análise.....	42
3.7.1 O Mediador.....	42
3.7.2 Contexto Comunicativo.....	43
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
5 REFERÊNCIAS.....	47
6 ANEXOS.....	49

INTRODUÇÃO

A previsão do tempo do Jornal Nacional, nos últimos anos, passou por notáveis e respectivas mudanças, quanto ao seu tempo, cenário e apresentador. O objetivo principal deste estudo é entender quais foram essas as mudanças ocorridas nos últimos cinco anos neste quadro, e quais os motivos que levaram o quadro a ingressar em um novo formato.

Para a concretização deste estudo, o conteúdo foi dividido em três capítulos. O primeiro conceitua sobre o telejornalismo no Brasil, através das obras de Rezende (2000) e Moreira (2007). Este capítulo é dividido em subcapítulos que abordam assuntos importantes para a construção completa da análise. Notícias na TV, as fases da TV e linguagem telejornalística, especificaram a primeira parte deste estudo, que se concretizou através das obras de autores como Curado (2002), Bistane e Bacellar (2014), Bucci (1997), Squirra (1993) e Maciel (1995).

O segundo capítulo deste estudo trata dos gêneros presentes no telejornalismo, através dos conceitos de autores, como Machado (2000), Aronchi (2004), Souza (2004). Este capítulo também é dividido em subtítulos, e dá-se ênfase a presença do gênero utilitário, bem como os formatos, o qual a previsão do tempo se enquadra. característica do quadro da previsão do tempo.

No terceiro e quarto capítulo, os quais tratam da análise, buscou-se um referencial sobre o jornalismo científico, jornalismo especializado, meteorologia no jornalismo, Jornal Nacional e o quadro da previsão do tempo no JN, para assim poder dar forma a análise. A partir de referenciais de autores como Pereira (2015), Gomes (2011) e Bueno (2015), foram analisados três quadros da previsão do tempo exibidos nos últimos cinco anos: o primeiro exibido em 2011, o segundo em 2013 e o terceiro em 2015. A partir disso, será possível chegar a uma conclusão se este estudo evolutivo atendeu ou não as expectativas, respectivamente propostas. Os três quadros, um do dia 13 de outubro de 2011, o segundo dia 14 de fevereiro de 2013 e o terceiro e último, do dia 07 de julho de 2015 representam um marco nas mudanças de linguagem e audiovisuais recorrentes nessas datas. A partir desta análise buscou-se entender o que evoluiu na meteorologia do Jornal Nacional e o que ocasionou esta evolução.

1 TELEJORNALISMO NO BRASIL

Com uma trajetória iniciada na década de 1920 no mundo, a televisão no Brasil surgiu 30 anos depois, na década de 1950. Nesta década a TV Tupi de São Paulo foi à primeira emissora do Brasil a transmitir um telejornal. Conforme Guilherme Jorge de Rezende (2000), *Imagens do Dia* exibiu como primeira reportagem, o desfile cívico-militar em São Paulo no dia 20 de setembro. Dois anos depois, em 1952, a mesma emissora inaugurou um jornal diário transmitido às 21 horas.

O telejornal mais importante da TV brasileira da década de 1950, no entanto, só iria surgir pouco depois (...) o *Repórter Esso* se firmou por muitos anos no horário nobre da noite. Seu conteúdo abrangia o noticiário nacional e internacional veiculado inclusive por meio de filmes. (REZENDE, 2000, p. 106)

Rezende (2000) explica que inicialmente a televisão levou consigo muitas características radiofônicas. Ainda assim, a TV enfrentou dificuldades quanto à séria concorrência que tinha com o outro meio. O fato é que a TV perdia audiência para o rádio, quanto à instantaneidade das notícias. A demora na elaboração dos filmes até a transmissão das imagens sofria atrasos de horas, levando em conta desde o momento do acontecimento do fato até a sua exibição.

Mas na década de 1960 essa situação deu os primeiros passos para o que seria um grande avanço quanto à qualidade e agilidade de transmissão dos telejornais na TV brasileira. Trata-se do “impulso da exibição de filmes estrangeiros dublados e da chegada do videoteipe, encomendado especialmente para registrar a inauguração de Brasília, a nova capital do país” (Rezende 2000, p. 107). Então, segundo o autor, em 1962 o telejornal que representou o ícone dessa mudança foi o *Jornal de Vanguarda*, da TV Excelsior. Para Rezende (2000), “a qualidade jornalística desse noticiário causou um impacto enorme pela originalidade de sua estrutura e forma de apresentação distinta de todos os demais informativos do *Jornal Vanguarda*” (Rezende, 2000, p. 107). Porém, em 1964, devido ao Golpe Militar, sua equipe optou pela aniquilação do telejornal para evitar que “ele morresse pouco a pouco” (id. Ibid.). “Encerrava-se ali uma das passagens mais criativas e inteligentes da história do telejornalismo brasileiro” (Rezende, 2000, p. 108).

Apesar do ocorrido com o Jornal Vanguarda, a televisão brasileira encerrava a década de 60 firme, sendo marcada por dois fatos que deram início a uma nova fase no telejornalismo: a criação do Jornal Nacional, pela Rede Globo de Televisão, que logo em seguida deu fim ao então legendário Repórter Esso da TV Tupi.

Com o processo de inovação tecnológica, “as ligações por micro-ondas e as transmissões via satélite possibilitavam a integração nacional e a aproximação com o resto do mundo” (Rezende 2000). Devido a estas mudanças, o Jornal Nacional passou a ser transmitido simultaneamente ao vivo para seis estados brasileiros. Objetivo que motivou essa iniciativa, segundo o autor, foram interesses políticos e mercadológicos, pois além de a Rede Globo dispor de um noticiário de grande prestígio, ela tinha o intuito de competir com o Repórter Esso, telejornal da TV Tupi.

Já na década de 1970 a TV Tupi enfrentava uma situação complicada, com o dilema entre “sofrer ou morrer”, já que por muitos anos liderou a audiência da televisão brasileira.

O Repórter Esso – com uma tradição de mais de 17 anos – vai acabar no próximo 31 de dezembro e muita gente acredita que, com ele, morrerá um estilo de noticiário televisionado que muito pouco evoluiu nos 20 anos de TV no Brasil: 15 a 20 minutos de programa em que o locutor – lendo notícias já divulgadas pelo rádio e até mesmo por jornais - ocupa mais o vídeo do que os curtos filmes de assuntos locais, sem muita importância, ou os velhos filmes de arquivo. (REZENDE 2000 p. 111)

Na década de 1970 a televisão brasileira foi marcada por um grande desenvolvimento técnico. A rede Globo foi quem mais aproveitou dessa nova adequação para aperfeiçoar suas produções, segundo Rezende (2000).

Não foi a Globo que criou o telejornalismo, mais ela que eliminou o improviso, impôs uma duração rígida no noticiário, copidescou não só texto como a enotação e o visual dos locutores, montou um cenário adequado, deu ritmo a notícia, articulando com excelente “timing” texto e imagem. (REZENDE, 2000, P.113-114 *apud* PIGNATARI, 1984, P.14).

Os anos foram passando e muitas mudanças ocorreram no cenário do telejornalismo brasileiro. Rezende (2000) considera que muitas dessas mudanças se sucederam em decorrência da censura durante o regime militar (1964-1985). Mesmo assim, a TV Globo aumentava o índice de popularidade devido à estratégia que foi

imposta pelos seus diretores de exibi-lo entre as novelas das sete e das oito, programas com maior audiência de todos os canais brasileiros.

Mas apesar do grande crescimento da Rede Globo, a década de 1980 abriu espaço para novas emissoras de televisão, sendo elas o Sistema Brasileiro de Televisão – SBT, do empresário e radialista Sílvio Santos, e a Rede Manchete, pertencente ao grupo Bloch. Isso se deu devido ao fato de que

Os governos militares tinham um conceito de que não deveria haver só uma grande rede. Eles procuraram dividir porque a Globo exerce um poder político muito grande. Deram um canal para Sílvio Santos, porque acharam que ele teria competência gerencial para criar concorrência. Além dos militares, embora não digam isso em público, apenas em off, há entre os políticos uma ideia generalizada de que esse monopólio não pode perdurar (REZENDE, 2000, p. 122).

E assim no decorrer dos anos outras emissoras como a TV Cultura, também lançaram formatos diferentes de telejornais. A TV Bandeirantes apostava na opinião de que a audiência valoriza a credibilidade dos apresentadores dos telejornais, em primeiro lugar. Já o SBT ingressou a década de 1990 maior e mais forte.

[...] a televisão brasileira, ainda que em pleno estágio de massificação, tem respondido crescentemente ao seu compromisso social, talvez até porque ela já tenha levado ao limite sua capacidade de fugir a esse compromisso. O salto qualitativo dado pelo telejornalismo nos anos 90 é uma razoável demonstração disso: ele se libertou em muitos casos das amarras oficiais, expandiu seu universo temático, encontrou novas formas de tratamento e ganhou até sopros de independência em relação ao empresariado do setor, o que até há pouco tempo era um privilégio parcial de poucos jornais no país, ainda que uma prática relativamente comum nos EUA e na Europa (REZENDE, 2000, p. 136-137).

Nessa década o jornalismo brasileiro vivia uma fase diferente devido à chegada da TV por assinatura. O canal exclusivo de notícias da Globo, o *Globo News* entrou no ar em outubro de 1996, deixando a TV aberta em um período não muito concitado. O slogan do novo canal era “a vida real em tempo real”. “A programação veio cobrir as limitações que as grades de programação impõem as emissoras abertas, especialmente a TV Globo” (Rezende, 2000).

Mas no início da década de 1980, a censura proporcionou uma mudança no telejornalismo. Surgiram programas de debates e entrevistas. “O êxito da televisão brasileira advinha, em grande parte da consolidação do sistema de rede, na década de

1970 até meados de 1980” (Rezende, 2000, p. 118). Por questões financeiras, os concessionários dos canais de TV, tiveram que abandonar suas produções, transformando suas emissoras em pequenas estações retransmissoras de programação.

Mas esse era, enfim, o resultado da política de integração nacional pela televisão programado pelo governo militar, em associação com a burguesia nacional e o capital estrangeiro. Conseguia-se a unidade nacional pelas telenovelas e noticiários, ao mesmo tempo que a uniformidade cultural pouco a pouco afetava as manifestações regionais. (REZENDE, 2000, p. 119).

Anos depois, após o fim da censura, a televisão teve de enfrentar e se articular a uma fase: trata-se da TV por assinatura, novidade que chegou ao Brasil em 1996 quando a Rede Globo fez a primeira transmissão pelo canal *Globo News*. “A programação veio cobrir as limitações que as grades de programação impõem as emissoras abertas, especialmente a TV Globo” (Rezende, 2000, p. 137). A *Globo News* tinha como objetivo, aprofundar a informação que num primeiro momento era veiculada pela TV aberta.

Mas a chegada dos canais de TV por assinatura desencadeou um outro entrave. O fato é que esta condição fez com que a audiência da TV aberta caísse consideravelmente. Com o crescimento da TV por assinatura, a queda na audiência na TV aberta preocupou, principalmente a área do telejornalismo. Na época o Jornal Nacional perdeu 23 pontos de audiência, caindo de 60 para 37, conforme dados da *Folha de S. Paulo*. Conforme Bucci (1997), as alterações que a audiência sofria, representavam um fenômeno mundial, devido às opções de entretenimento e de informação que as novas tecnologias de comunicação propiciavam.

Mas pouco antes de entrar nos anos 2000, segundo Rezende (2000), as novas políticas editoriais dos telejornais brasileiros traziam bons resultados as emissoras. O Jornal Nacional continuava como sendo o líder de audiência, alcançando, em 1998, um público de mais de 3 milhões de telespectadores. Sua fórmula era a combinação entre realidade e a “ficção”. Já o SBT não tinha nenhum telejornal em horário nobre. Só em 1998 foi a estreia de um informativo, o *Noticidade*, que ia ao ar das 19h15 até as 20h, apresentado por Hermano Henning. Quatro meses depois, o programa foi extinto, restando apenas o boletim, o *Notícias de Última Hora*. “O fim do jornalismo do SBT [...] é uma exemplar volta as origens” de uma emissora que “não veio ao mundo” para fazer jornalismo (Rezende *apud* Malin, 1998).

1.1 A Nova Fase da TV

Logo no surgimento da televisão, surgiu uma intensa discussão se seria o fim do rádio. O que não aconteceu. O rádio foi se aperfeiçoando e junto com a era digital se fortaleceu ainda mais. O fim da televisão por sua vez, também foi cogitado. Trata-se de uma evolução constante, evolução essa onde já possível assistir televisão em alta qualidade, em qualquer lugar, do seu próprio celular. A TV, gradativamente, está se transformando, mudando a programação, o foco dos programas, do jornalismo, até mesmo de interação com os telespectadores.

Em estudo, Moreira *apud* Verón e Carlón (2016) aponta que na América Latina existe uma crise da programação e da grade de programação, pois as pessoas já não precisam assistir aos programas no exato momento em que a TV exhibe. Por isso, o autor afirma que somente a transmissão ao vivo é que sobreviverá se a televisão findar-se, isso porque os conteúdos gravados da televisão, hoje em dia podem ser acessados através de outros meios em horários e locais favoráveis aos telespectadores.

A chamada ‘Era das Redes’, época em que vivemos, é caracterizada pelas multi opções que uma pessoa encontra para acessar os conteúdos. Interatividade, troca de informações instantaneamente, são algumas dos elementos que compõem esta era.

Novas tecnologias, como o videocassete, o controle remoto e a TV por assinatura, alteraram profundamente a experiência da audiência com a televisão porque o público passou a ter mais ofertas e possibilidades de escolhas. Além da explosão de canais a cabo, também passou a ser comum encontrar mais de um televisor por moradia [...]. Nos anos 2000, o cenário de consumo de produtos televisivos já era formado por espectadores que baixavam programas de TV, acompanhavam em meios de streaming de vídeo online ou mídias portáteis. Isso mudou radicalmente a forma como durante meio século se consumiu TV. (MOREIRA *apud* LOTZ, 2007, p. 7)

Conforme Moreira *apud* Lotz (2016), agora os telespectadores selecionam programas produzidos em anos anteriores, e os assistem em equipamentos portáteis. Em razão as novas tecnologias, além do uso da televisão móvel, existe uma abundância de opções de acesso a conteúdos. Em contrapartida, a televisão precisou compreender as propriedades midiáticas que estavam surgindo, por isso foi necessário incorporar softwares e processamentos de computador.

Com isso, os proprietários de aparelhos de vídeo portáteis podem baixar os últimos episódios de seus programas favoritos e vê-los fora do ambiente convencional

da sala de estar. Outros ainda podem alugar programas de televisão em DVD, ou baixá-lo por meio de fontes legais e ilegais online.

Como resultado dessas tecnologias e modos de visualização de mudança, a natureza da utilização da televisão tornou-se cada vez mais complicada, deliberada, e individualizada. Televisão como a conhecíamos - entendida como um meio de massa capaz como um todo - já não é a norma nos Estados Unidos. Mas as mudanças do que podemos fazer com a televisão, o que se esperava dela, e como podemos usá-la não apressam a morte do meio. Pelo contrário, elas estão revolucionando a TV (MOREIRA *apud* LOTZ, 2016, p. 8).

Conforme artigo publicado pela jornalista Natasha Pinelli (2016), na Revista Galileu, sobre o futuro da televisão, aponta que hoje em dia já é possível escolher a programação que desejamos assistir. A popularização da internet deixou as pessoas com certo poder, momento em que podem escolher a programação que deseja ser assistida, quando e aonde. Mesmo com a tecnologia em nossas mãos e a qualquer hora, o fim da TV ainda está muito longe de acontecer.

Temos uma cultura muito forte de nos informar e nos divertir pela TV aberta. Além disso, uma relação de carinho com o televisor e seu conteúdo. Prova é que, quando compramos um aparelho, dificilmente nos desfazemos dele. Passamos o antigo para o quarto, depois para a cozinha, até doar para alguém com quem mantemos laços afetivos. O brasileiro dificilmente descarta uma TV no lixo ou a encaminha para reciclagem. (PINELLI, 2016).

A crescente oferta de conteúdos acabou por tornar o público televisivo mais fragmentado. Além disso, conforme Moreira *apud* Lotz (2016), a TV a cabo trouxe a programação voltada para nichos de interesse, fator ainda mais enfatizado com a chegada da internet. Nesse contexto, a indústria televisiva vive um momento de oferta de conteúdos tidos “sob demanda”, que possibilitam ao telespectador optar por assistir aos programas a qualquer momento, sem necessitar seguir uma grade de programação, sejam os programas de entretenimento ou de informações, noticiários, jornais, etc.

1.2 Notícias na TV

A construção de uma reportagem é formada por elementos que completam a obra. Segundo Olga Curado (2002), a reportagem é uma maneira de contar uma história

que pede vários recursos técnicos. De acordo com a autora, toda história possui um começo, meio e fim, mas sua apresentação não é feita necessariamente nessa ordem. A autora complementa ainda que

O programa de notícias existe para oferecer ao público informação sobre os fatos da semana, do dia, da hora, do momento. A notícia é a informação que tem relevância para o público. A importância de um acontecimento é avaliada pelo jornalista, que julga se o fato é notícia e deve ser divulgado (CURADO, 2002, p. 15).

As reportagens podem ser divididas em várias classes. Elas envolvem uma série de aspectos em que fazem-na serem separadas por segmentos, pelo fato de serem construídas para programas diferentes, porém para o mesmo veículo: a televisão. Curado (2002) explica que as reportagens feitas para televisão seguem uma linha padrão de construção, levando em conta o tempo de duração, texto do locutor e do *off*¹, *sonora*² e *passagem*³.

Curado (2002) destaca as reportagens do tipo “gravada”, citando como sendo a forma mais utilizada para o jornalismo de televisão, pois a gravação permite ao repórter e ao editor, examinar de forma mais esmiuçada o material. Assim, a revisão das entrevistas e a seleção dos pontos mais importantes, a partir da visão de ambos os avaliadores, ajudam para uma melhor construção da reportagem.

A reportagem “ao vivo”, conforme Curado (2002), é contada exatamente no momento exato em que o fato ocorre. Isso só é possível através das tecnologias disponíveis – micro-ondas, satélites. Curado (2002) complementa afirmando que é imprescindível levar em conta que o vivo também enfatiza o compromisso do jornalismo com qualidade.

Partindo de outra visão, Bistane e Bacellar (2014, p.41) trazem em discussão o papel do repórter aliado ao cinegrafista, como sendo um complemento do outro. “Repórteres e cinegrafistas fazem um recorte da realidade ao formular uma pergunta, ao escolher um enquadramento. Uma imagem é capaz de garantir a veiculação de um

¹ Off: É a parte da notícia gravada pelo repórter ou pelo apresentador, para ser conjugada com as imagens do fato, sem que o rosto de quem faz a leitura apareça no vídeo. (REZENDE, 2000, p. 149).

² Sonora: Tem o sentido genérico de toda a gravação feita em externas e designa, em particular, a fala dos entrevistados nas reportagens. (REZENDE, 2000, p. 149).

³ Passagem: Se traduz como a ligação entre trechos de uma reportagem, servindo como ponte no caso de coberturas feitas em dois ou mais lugares distintos. Utilizada no meio da matéria para destacar a presença do repórter no local onde se desenrola o fato. (REZENDE, 2000, p. 149).

assunto que talvez nem fosse ao ar se o cinegrafista não tivesse a sorte de captar o flagrante.”

A exibição de uma notícia em um telejornal pode incluir ou não imagem. Dependendo do assunto “uma nota curta, lida pelo apresentador, cumpre a função de informar. Se o assunto merecer, pode-se optar por uma entrada com repórter, ao vivo do local”, conforme cita Bistane e Bacellar (2014, p. 42), no livro *Jornalismo de TV*.

A seleção de uma notícia ocorre mediante a abrangência, sendo ela relacionada à importância com que pode interessar às pessoas. Conforme Curado (2002), “o nível de interesse do público pode variar bastante”, indo do entretenimento até um serviço público. Mas mesmo assim, a notícia por notícia,

Revela como determinados fatos se passaram, identifica personagens, localiza geograficamente onde ocorreram ou ainda estão acontecendo, descreve as suas circunstâncias, e os situa, num contexto histórico para dar-lhes perspectiva e noção da sua amplitude e dos seus significados (...). Fundamentalmente, a notícia é a informação a serviço do público (CURADO, 2002, p. 16).

No jornalismo, a força da imagem, muitas vezes esclarece a informação de maneira mais compreensível, muitas vezes dispensando inclusive o texto. Como é o caso dos mapas em 3D e infográficos, que facilitam a explicação da notícia ou de temas difíceis de serem traduzidos em palavras.

A história contada pela TV usa a linguagem visual. A câmera pode enfatizar ou revelar novos significados que ajudem a esclarecer uma informação. A subjetividade com que imagem é feita economiza muito texto. O objeto filmado possui uma identidade, o flagrante pode bastar para demonstrá-lo. Porém, a informação jornalística vai além (CURADO, 2002, p. 109).

Outro ponto indiscutivelmente importante que muito interfere na construção do texto, é o estilo que cada jornalista tende a ter através de muita prática. “A meta do jornalista ao escrever é comunicar com clareza. O estilo se adquire com muito exercício e humildade diante das regras” (Curado, 2002, p. 127).

Para Rezende (2000), o papel da imagem na comunicação telejornalística exige que o jornalista tenha uma boa preparação para que assim, ele tire maior proveito do espaço que está sendo ocupado pelo veículo. Em decorrência ao compromisso que a notícia tem com o telespectador, é imprescindível que a mesma seja entendida da

melhor forma possível, com clareza, ainda mais se tratando de um meio em que onde o relato do fato não está sendo lido, mas sim, ouvido.

O telespectador está olhando o apresentador, ou o repórter, ou o entrevistado e tentando apreender o que eles dizem. No instante em que toma conhecimento da notícia, o espectador não pode interromper o jornalista pedindo-lhe que esclareça algum ponto não compreendido. Não pode voltar no tempo para recuperar uma frase ou informação que perdeu, a não ser que tenha gravado o programa. A comunicação pela TV exige instantaneidade na sua compreensão (CURADO, 2002, p. 20).

Em complemento, Sebastião Squirra (1993) trata da televisão como um meio contemporâneo aos fatos. Para ele, as características técnicas da televisão possibilitam que o fato seja contado logo depois de ter acontecido e indo mais além, mostra também toda a dimensão do ocorrido. “Ela pode, assim, atingir quantidade muito maior de sentidos humanos, já que se utiliza do movimento, da cor, do som e de toda a dramaticidade do acontecimento quase ao mesmo tempo em que ele se deu”. (SQUIRRA, 1993. p. 51)

1.3 Linguagem Telejornalística

Rezende (2000) define a linguagem como “o pressuposto da existência da dimensão humana. É pela linguagem que o homem transcende a sua solidão e descobre o outro [...]. O conceito de oralidade, por sua vez, está intimamente associado à antítese do escrito e do falado” (Rezende 2000, p. 54). No telejornalismo, o autor identifica mediante sua análise, que a linguagem oral é mais compatível em televisão, do que a linguagem escrita. O fato se dá devido à expectativa criada pelo ouvinte/telespectador, que é voltada para a linguagem oral, e outras características como suas repetições, autocorreções, hesitações, dentre outras características que são típicas da linguagem falada (Rezende, 2000, p. 58 *apud* Pretti, 1991, p. 234)

Em obra escrita por Maciel, em 1995, o autor já apontava em seus estudos que a televisão era um dos meios mais operativos da época.

(...) a televisão é um dos veículos de comunicação mais eficientes porque lida basicamente com a linguagem oral, usada no dia-a-dia e alia a essa característica a imagem da modernidade e eficiência tecnológica. E, por ser um veículo intimista, exige uma linguagem simples, direta, objetiva com a maior clareza possível (MACIEL, 1995, p. 31).

Maciel (1995) explica que “muitos estudiosos da linguagem de televisão e profissionais experientes costumam dizer que, diante do telespectador, temos de nos comportar como se estivéssemos contando notícias do dia para um parente ou amigo” (Maciel, 1995, p. 22). Nesse caso, o coloquialismo possibilita que as frases sejam curtas, simples, diretas, objetivas, mas sem esquecer que precisam ter uma ideia a ser contada a cada ponto.

É de fundamental importância a identificação do perfil do público que acompanha o noticiário, pois isso interfere na escolha das formas de comunicação que o jornalista vai utilizar para expressar-se, no intuito de obter maior eficácia na transmissão da mensagem, conforme explica Rezende (2000). A inserção de uma linguagem que seja compatível ao nível cultural de boa parte do público pode vir a comprometer a compreensão da mensagem que está sendo repassada pelo jornalista.

A televisão brasileira herdou muitas características do rádio, se preocupando exclusivamente em dar notícias. Conforme Maciel (1995), é normal que a linguagem dos telejornais sofra mudanças continuamente, pois só assim ele vai se aperfeiçoando a linguagem utilizada, se tornando mais sucinta e clara para melhor compreensão do telespectador.

“A linguagem falada sempre é mais eficaz e atinge com mais facilidade as pessoas. Quanto mais à linguagem escrita se aproxima da linguagem falada maior será a possibilidade de entendimento.” Maciel (1995, p. 26), acreditava que de um modo geral, o jornalismo do rádio e da televisão, utilizam um padrão de coloquialidade para se comunicar melhor com seu. Segundo ele, o jornalista necessita saber bem sobre o assunto que vai para que possa sempre transmitir a informação claramente, sem que haja dúvidas.

Neste capítulo podemos observar a linguagem qual o objeto desta pesquisa está incluso, uma linguagem que ao longo dos anos foi se transformando e se simplificando. No capítulo seguinte, será identificado o gênero qual o objeto desta pesquisa pertence.

2 GÊNEROS TELEVISIVOS

Aronchi de Souza (2004) explica o que são gêneros e formatos fazendo um comparativo com a biologia. Desta forma, o autor exemplifica mostrando que na biologia existem gêneros e espécies; já na televisão existem gêneros e formatos. “Na biologia, várias espécies constituem um gênero, e os gêneros agrupados formam uma classe. Em televisão, vários formatos constituem um gênero de programa, e os gêneros agrupados formam uma categoria” (Aronchi, 2004, p. 45).

Porém, a ideia de gênero sofreu muitos questionamentos em relação a sua estrutura, conforme podemos observar na citação seguinte.

[...] gênero é uma força aglutinadora e estabilizadora dentro de uma determinada linguagem, um certo modo de organizar ideias, meios e recursos expressivos, suficientemente estratificado numa cultura, de modo a garantir a comunicabilidade dos produtos e a continuidade dessa forma junto as comunidades futuras. Num certo sentido, é o gênero que orienta todo o uso da linguagem no âmbito de um determinado meio, pois é nele que se manifestam as tendências expressivas mais estáveis e mais organizadas da evolução de um meio, acumuladas ao longo de várias gerações de enunciadores (MACHADO *apud* BAKHTIN, 2000, p. 68).

Segundo Machado (2000), tratar de todos os gêneros televisuais não é possível, visto que não há certeza quanto à quantidade e quais são. Por isso, o autor atribui como sendo, um dos gêneros, o *telejornal*. Em sua análise ele atribui que a estrutura de um telejornal é composta por “uma mistura de distintas fontes de imagem e som”(Machado, 2000, p. 103).

Machado (2000), explica que ao longo da história do telejornal, ele foi construído para ser apresentado em forma de depoimentos de sujeitos ligados ao acontecimento diretamente ou indiretamente. Em virtude desse fato é que tornou-se indispensável a presença da televisão (equipe de repórter e cinegrafista) no local onde o fato estaria acontecendo ou que há pouco aconteceu, isto não apenas para a emissora ser tida como fonte confiável, mas também porque essa é condição essencial no processo de expressão.

Muitos formatos de TV têm surgido nos últimos anos, fato que Aronchi (2004), chama de “explosão”. Todos os dias são registrados canais que substituem a programação que não teve grandes números de audiência, por uma diferente, mais interessante. Esse fenômeno faz com que a concorrência entre os formatos seja cada vez

mais forte. Segundo o autor, o formato de um programa pode ser apresentado de maneira combinada, ou seja, vários gêneros podem juntar-se e assim emergir o surgimento de outros programas.

A classificação de categoria dos gêneros em televisão vem sempre acompanhada de um conceito com poucas referências científicas: trata-se do termo formato, tido como jargão no mercado de produção mas não reconhecido ou sistematizado em obras científicas que abordam o tema. Ao gênero de um programa associa-se diretamente um formato (ARONCHI, 2004, p. 44-45).

Para Souza (2004), as emissoras classificam de telejornalismo os noticiários, informativos segmentados ou não, em diversos formatos. No estudo feito pelo autor, ele atribui o telejornal como um gênero, devido ao fato de apresentar características próprias.

O telejornalismo buscou outros formatos, além do telejornal. Por isso mantém-se em evidência em todas as grades de programação. São programas de debate e entrevista, mediados pelos jornalistas da rede, e também os documentários e reportagens especiais, que ocupam os departamentos de jornalismo das emissoras. Todos esses formatos tornam o gênero importante numa estratégia para modificar a imagem da emissora [...]. (SOUZA, 2004, p. 152)

Segundo Souza (2004), dentro do próprio gênero telejornalismo existem outros formatos que se constituem como gêneros, devido sua importância no meio. São eles: programa de debate e entrevista e os documentários, formatos estes que pertencem ao telejornalismo, mas que se tornam gêneros independentes devido ao *status* alcançado com a audiência.

O formato pioneiro do gênero telejornal foi noticiário. Ele era estruturado da seguinte maneira: sem imagens para ilustrar, o apresentador lia os textos para a câmera, sem imagens para ilustrar a fala. Aos poucos foi se adequando, montando uma fórmula que até hoje é usada: um apresentador ou mais leem os textos e apresentam as notícias. Existem jornais onde comentaristas especializados em determinados assuntos participam do telejornal.

Para Souza (2004), “o telejornalismo buscou outros formatos, além do telejornal. Por isso mantém-se em evidência em todas as grades de programação” (SOUZA, 2004, p. 152). Programas de debate, entrevista, documentários e reportagens especiais, são

formatos que passaram a fazer parte de grande parte das emissoras de televisão, ambos mediados por jornalistas. Esses formatos fazem parte da estratégia para mudar o retrato da emissora.

Característica forte do jornalismo é divulgar aquilo que é realidade. Serviços de utilidade pública, inclusive, também são assuntos que interessam a sociedade, possuindo grande relevância ao público em geral. Cabe ao jornalismo informar e atualizar as pessoas, sobre todo e qualquer tipo de acontecimento que possua certo grau de relevância.

Nesse contexto, o jornalismo possui caráter de universalidade, pois abrange fatos diversos, de todos os assuntos. Vaz *apud* Melo (2003) define essa característica explicando que quanto mais abrangente seja um jornal em áreas editoriais, mais força corporativa ele terá. “Desde o início das atividades permanentes de informação sobre a atualidade (processo livre, contínuo, regular), colocou-se a distinção entre as modalidades de relato dos acontecimentos” (Vaz *apud* Melo, 2003). Marques de Melo (1980) define como informativo e opinativo os gêneros jornalísticos, sendo o informativo composto pelos formatos: nota, notícia, reportagem e entrevista. Já o opinativo, pelos formatos: editorial, comentário, artigo, resenha, crônica, caricatura e carta. Mas em recente revisão, o autor amplia essa classificação, acrescentando mais três gêneros: interpretativo, utilitário e diversional.

Conforme a Tabela 1 é possível compreender os gêneros, acima citados, bem com seus formatos:

Tabela 1: Gêneros e Formatos Jornalísticos – (Classificação Vaz *apud* Melo, 2007, p. 4)

Gênero Informativo	Nota – Notícia – Reportagem – Entrevista
Gênero Opinativo	Editorial – Comentário – Artigo – Resenha – Coluna – Crônica – Caricatura – Carta
Gênero Interpretativo	Perfil – Enquete - Cronologia – Dossiê
Gênero Utilitário	Indicador – Cotação – Roteiro – Serviço
Gênero Diversional	História de interesse humano – História colorida

Fonte: Classificação Vaz *apud* Melo, 2007, p. 4)

2.1 Gênero Utilitário

Para Vaz *apud* Marques de Melo (2007), o Gênero Utilitário teve seu início no fim do século XX, na sociedade de consumidores. Esse gênero, segundo o autor, surgiu

no início da sociedade de informação, tendo como foco a tomada de decisões rápidas, que perpetuou primeiramente no mundo financeiro, posteriormente, na vida cotidiana.

O gênero utilitário também conhecido como jornalismo de serviço, é caracterizado principalmente pela sua atualidade, mas também pelo fator de não ter novidade em suas notícias. Para Melo (2007), “o fato geralmente é o mesmo, a fórmula é que se repete”.

Na Tabela 2 é possível identificar a classificação dos principais formatos do Gênero Utilitário.

Tabela 2: Formatos do Gênero Utilitário

Formato	Definição
Indicador	Dados fundamentais para a tomada de decisões cotidianas (cenários econômicos, meteorologia, necrologia).
Cotação	Dados sobre a variação dos mercados: monetários, industriais, agrícolas e terciários.
Roteiro	Dados indispensáveis ao consumo de bens simbólicos.
Serviço	Informações destinadas a proteger os interesses dos usuários dos serviços públicos, bem como dos consumidores de produtos industriais ou de serviços privados.

– Fonte: Classificação Vaz *apud* Melo, 2007, p. 5

Em sua maioria, os meios de comunicação trabalham com a perspectiva da utilidade, ou seja, de alguma maneira ser útil ao receptor, prestando assistência a ele. Vaz *apud* Leite (1996), enfatiza que grande parte das pessoas que leem jornais, procuram informações que sejam utilizadas em sua vida. Por isso, os jornais estão investindo, cada vez mais, no tipo de jornalismo chamado de ‘serviço’, o qual alimenta a confiança e o interesse dos leitores.

Dessa forma, o jornalismo de serviço está fortemente presente na televisão brasileira, devido ao fato de estarmos vivendo em uma sociedade da informação e consumo. As pessoas buscam informações atualizadas a todo o momento. Em estudo, Ana Carolina Temer (2003), destaca que o jornalismo de serviço é aquele que vai além da informação, mas que se preocupa em mostrar os “fatos e ações que a curto, médio ou mesmo a longos prazos, vão contribuir para melhores condições de vida do receptor. Informações que tornem mais saudável, mais apto a administrar o próprio tempo ou dinheiro”.

Em sua pesquisa, Temer (2003) aponta para uma predominância das matérias de serviço nos telejornais, matérias estas ligadas ao consumo, abordando assuntos como tecnologia e financeiro. Assuntos também relacionados a serviço, como a previsão do

tempo, objeto desta pesquisa, também encontram-se em grande crescimento nos meios de comunicação, excepcionalmente nos telejornais, devido a grande importância que passaram a ter para a sociedade.

2.1.1 Formatos Gênero Utilitário

Vaz *apud* Melo (2008) definiu os formatos do gênero utilitário como: indicador, cotação, roteiro e serviço. Em síntese, podem ser explicados conforme análise:

- **Indicador:** corresponde a economia, necrologia (avisos de morte e 7 dia de falecimento), fluxo do trânsito, meteorologia, etc.

- **Cotação:** dados a agrícolas, cotação de moedas. Presente também em cadernos de economia.

- **Roteiro:** informações referentes aos filmes que estreiam no cinema.

- **Serviço:** apresenta uma série de informações sobre preços, mercado, consumidor. Procura também responder a reclamações ou dúvidas relacionadas, em grande parte, a órgãos públicos.

O estudo feito até o momento apontou o Quadro da Previsão do Tempo no Jornal Nacional, pertencente ao gênero utilitário, enquadrado no formato indicador. Conforme citado, este gênero abrange os serviços de utilidade pública, que tomam cada vez mais força no telejornalismo. Hoje, além do próprio fato, as notícias também contam as causas e consequências do ocorrido. Desta forma, a previsão do tempo passou a ser mais completa. É possível divulgar, além do clima e tempo, um contexto mais amplo e complexo sobre aquilo que está sendo noticiado, ação que é classificada como o Jornalismo Especializado, tópico abordado a seguir.

2.2 Jornalismo Especializado

Devido ao aumento disparado de veículos impressos, rádio, televisão, revistas, jornais na web, a sociedade passou a exigir que as informações fossem qualificadas e completas. Na era da informação, ganha quem noticiar além do básico; é preciso desdobrar o assunto. Devido à tamanha exigência nas informações é que surgiu o

Jornalismo Especializado, onde profissionais dedicam à sua produção e análise concentrados em determinado campo específico, seja da ciência ou da tecnologia. Para Wilson da Costa Bueno (2015) *Jornalismo Especializado*

Representa a consolidação de um processo vertiginoso de segmentação, que articula conteúdos e audiências, mediado pela produção e circulação de discursos intrinsecamente associados a jargões, termos técnico-científicos, neologismos e conceitos compartilhados pelos diversos campos de conhecimento. (BUENO, 2015, p. 280)

Bueno (2015) explica que a prática do jornalismo especializado exige dos profissionais, tamanho conhecimento que faça com que eles estejam preparados para buscar as informações com as fontes e as repassá-las de maneira compreensível aos que não compreendem a parte técnica do assunto. O autor alerta que essa modalidade de jornalismo não deve ficar apenas limitada aos especialistas. Outras fontes como cidadãos comuns, por exemplo, tornam-se essenciais na repercussão do assunto, uma vez que “os diversos representantes da sociedade têm o direito e a obrigação de debatê-los porque, invariavelmente, impactam a vida deles” (Bueno, 2015, p. 284).

O autor ressalta ainda que o jornalista especializado está longe de se constituir em um processo de tradução da fala das fontes. Isso porque, a produção jornalística se estabelece com um discurso já anunciado, caracterizado por ser propriedade de um produtor ou uma autoria. O jornalista especializado não se restringe a transcrever as falas das fontes, mas busca articular o que lhe foi informado, para criar uma nova compreensão.

Imaginemos que um jornalista esteja elaborando uma pauta sobre mudanças climáticas e que, em particular, se preocupe em avaliar o impacto do aumento da emissão dos gases de efeito estufa sobre o aquecimento do planeta, com inevitáveis (como temos visto) consequências sobre a disponibilidade e o consumo dos recursos hídricos. Além dos especialistas nesse campo, pode ser interessante (e isso varia de acordo com a pauta) ouvir os cidadãos, exatamente aqueles que têm sentido mais dramaticamente as dificuldades decorrentes da escassez de água, por exemplo, em algumas metrópoles brasileiras, mesmo porque eles podem empreender iniciativas e assumir posturas com o objetivo de economizar (ou não desperdiçar) esse recurso. (BUENO, 2015, p. 285)

A partir da análise de obras de diversos estudiosos, Bueno (2015), explica que as características apontadas como diferenciais no jornalismo especializado, deveriam ser praticadas rotineiramente no jornalismo. Para eles o bom jornalismo, é aquele que não constitui outro jornalismo (o especializado em relação ao de informação geral). O autor destaca ainda que a especialização em jornalismo tem relação com o processo de segmentação do campo do conhecimento e que atualmente está desdobrada em editorias, com equipes, com ritmo e horário, dentre outras características peculiares de cada redação.

O jornalismo especializado abriu caminho para o campo científico ser explorado amplamente em várias áreas do jornalismo. No caso do quadro da previsão do tempo, objeto desta pesquisa, o campo da meteorologia adquiriu um amplo espaço na divulgação de informações e matérias sobre clima e tempo nos telejornais, assunto que veremos detalhadamente nas páginas seguintes.

2.3 Jornalismo Científico

A história da ciência no jornalismo começou por volta do século XV, com o surgimento da imprensa. Época em que se vivia uma revolução científica, uma grande transformação, não apenas no campo da ciência e da técnica, mas que interferia e transformava também os campos da filosofia, religião e no pensamento social, moral e político.

No Brasil foi a partir da década de 1940 que a ciência entrou no governo e na sociedade. Bastante influenciada pela Segunda Guerra Mundial, devido ao grande avanço tecnológico, em 1948 foi criada a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Segundo Oliveira (2010) em suas reuniões, cientistas, professores universitários, estudantes e escritores, podiam debater sobre a ciência e política do país. Já a criação do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPQ), em 1952, foi o primeiro passo rumo à regulamentação da ciência no Brasil.

Todavia, mesmo com tamanha evolução no campo do jornalismo científico

Faltava ainda aos jornalistas ou escritores de ciência fundamentos capazes de integrar áreas como a economia e a política (...). Além disso, a produção jornalística para o setor científico sofria algumas deficiências, o que refletia na pouca qualidade de informação. (OLIVEIRA, 2015, p. 39).

A partir dos anos 90, o jornalismo científico passou a ganhar cada vez mais espaço nas editorias dos jornais, revistas e assessorias de imprensa. Porém, os problemas acima citados, que dificultavam o trabalho do jornalista na área científica diminuíram, mas não desapareceram. Nos dias atuais, o jornalista da área científica encontra dificuldades, tais como o difícil acesso as fontes, pois estas, segundo Oliveira (2010, p. 40) “não levam em conta o papel estratégico que a comunicação com o público representa para sua própria sobrevivência”.

Atualmente, a evolução no jornalismo científico pode ser presenciada através da meteorologia no jornalismo, como no quadro da previsão do tempo do Jornal Nacional, que ganhou um espaço de tempo, cenário e informações muito maior do que costumava ser.

2.4 A Meteorologia no Telejornalismo

É fato que desde os anos de 1980, os telejornais brasileiros, em especial o Jornal Nacional, exibem a previsão do tempo. No início, era apresentada apenas em nota, como prestação de serviço. Mais tarde, a evolução da tecnologia possibilitou que novos equipamentos fossem utilizados para que as informações meteorológicas fossem informadas com mais precisão e profundidade.

Mas “foi a partir dos anos 90 que a meteorologia passou a ter mais importância no conteúdo dos telejornais em várias emissoras do mundo” (Morais e Reis *apud* Tourinho, 2010, p. 4). Acontece que as mudanças climáticas estão se tornando um dos principais assuntos deste século, isto porque os impactos ambientais estão acontecendo mais vezes e em grande escala, afetando a sociedade em diferentes áreas.

Com o aumento dos desastres naturais e de variações climáticas fora da normalidade entre as estações, é possível notar o quanto temas ligados às consequências do tempo vem preenchendo tempos consideráveis em matérias sobre tempestades, enchentes, secas, mortes por raios, furações, queimadas, desmatamentos, etc. Na maioria dos casos, são reportagens que abrem a edição do dia e são marcadas pelas anomalias climáticas e presença de vítimas feridas ou fatais. (ZUZA e JESUS, 2009, p. 7)

Segundo Morais e Reis *apud* Beltrão (2010), a meteorologia é abordada no telejornalismo como uma forma de satisfazer o interesse coletivo. Desde o início do telejornalismo, a previsão do tempo, era apresentada de maneira bem específica, sendo uma nota. Graças a tecnologia, as possibilidades de apresentação do quadro da previsão

do tempo, foi se aperfeiçoando. Com a ajuda de equipamentos tecnológicos, as informações sobre clima e tempo puderam ser aprofundadas. Hoje em dia, é possível até prever desastres sísmicos.

Conforme Morais e Reis *apud* Tourinho (2010), a previsão do tempo passou a fazer parte dos conteúdos apresentados nos telejornais no início dos anos de 1990. Segundo Wilson Bueno (2009), o jornalismo científico, aqui no Brasil, está ligado propriamente com a evolução da indústria de comunicação. “É preciso observar que as informações sobre o tempo são essenciais para a sociedade desde o princípio do jornalismo. A divulgação regular da previsão do tempo na imprensa começou em 1879, em jornais impressos europeus” (Zuza e Jesus, 2009, p. 5).

A partir da fundamentação falada até aqui, no próximo capítulo será desenvolvida a análise final deste estudo.

3 ANÁLISE

3.1 O Jornal Nacional

Conforme William Bonner (2009), o Jornal Nacional é um programa jornalístico de televisão. Justamente por ser jornalístico, apresenta temas que os jornais impressos, programas de rádio, sites de notícias e revistas, também costumam tratar.

Por ser um programa de televisão, procura apresentar esses temas com uma linguagem apropriada ao veículo: com um texto claro, para ser compreendido e ouvido uma única vez, ilustrado por imagens que despertem o interesse do público por eles – mesmo que não sejam temas de apelo popular imediato. (BONNER, 2009, p. 13)

Nascido em 1º setembro de 1969, o Jornal Nacional da Rede Globo, era o único telejornal brasileiro a ser transmitido para seis capitais do Brasil. “Os objetivos reais que motivaram a iniciativa ligavam-se a interesses políticos e mercadológicos. Além de possuir um noticiário que lhe desse prestígio, a TV Globo queria competir com o *Repórter Esso*, da TV Tupi” (Rezende, 2000, p. 108).

Segundo Bonner (2009), no dia da estreia do JN, Armando Nogueira, diretor de jornalismo da TV Globo daquela época, escreveu na primeira página do texto que seria lido pelos apresentadores: “... e o Boeing decolou”. Armando era apaixonado por aviões, por isso essa foi essa foi a frase que ele encontrou para resumir todo o trabalho exigido para enfim botar o primeiro telejornal nacional no ar.

Mas logo no início de sua trajetória, o JN precisou se adequar ao regime militar. “Ficava claro que a originalidade do Jornal Nacional residiria apenas na qualidade técnica, uma vez que o conteúdo estava sacrificado pela interferência da censura” (Rezende, 2000, p. 110-111).

Nossa preocupação maior, quase que única, era operar convenientemente todo esse complexo mecanismo de televisão [...] do ponto de vista de conteúdo [...] nenhum de nós poderia estar empolgado naquele primeiro dia. Nossa preocupação em matéria de telejornalismo [...] não ia além da forma, do formato, da parte visual, porque sofríamos restrições ao exercício da plena liberdade de informação. (Rezende *apud* Nogueira *apud* Mello e Souza, 1984, p. 12-3).

O apresentador escolhido para o Jornal Nacional foi Cid Moreira, que já vinha com anos de experiência, muitos deles com destaque no *Jornal de Vanguarda*. A ideia, segundo Boni, diretor-geral da TV Globo, era estratégica: o locutor escolhido devia atender a critérios como o de ter uma voz boa e um afável timbre. Um dos objetivos, segundo Boni, era atrair o público feminino que assistia as novelas exibidas na Globo, por isso é que um dos critérios que o JN exigia era que os apresentadores tivessem uma boa aparência e que fossem competentes.

Mas o Jornal Nacional enfrentava dificuldades ao aprimorar o conteúdo. “A superficialidade no tratamento dos fatos impedia a prática de um jornalismo mais denso e crítico” (Rezende, 2000, p. 115).

Não como reflexo da censura, a superficialidade do noticiário explicava-se, assim, como resultado de uma diretriz editorial baseada na agilidade do estilo “manchetado”, que se ajustava ao perfil da audiência do programa. Essa orientação continua a ser adotada até pelo Jornal Nacional e noticiários de outras emissoras veiculados no horário-nobre da TV. (REZENDE, 2000, p. 116)

Depois de muitos anos detida a censura, a Rede Globo teve de reaprender a fazer um jornalismo de qualidade e também de conteúdo. Anos depois, Armando Nogueira lembrou os efeitos que a censura causou no jornalismo: “Foi essa implacável marcação da ditadura que nos levou a esquecer a batalha do conteúdo [...]. Trabalhávamos em cima da técnica e da estética, deixando de lado, um pouco, a ética de fazer jornalismo” (Rezende *apud* Nogueira, 1988, p. 82)

Contudo, o jornalismo do Jornal Nacional foi se modificando. Em 1996, a Central Globo de Jornalismo, agora comandada por Evandro Carlos Andrade, substituiu os apresentadores do Jornal Nacional, Cid Moreira e Sérgio Chapelin. Os novos apresentadores foram William Bonner, que está na bancada do JN até o presente momento, e Lilian Witte Fibe. Segundo Rezende (2000), essas mudanças de apresentadores e de cenário ocorreram em todos os programas jornalísticos da emissora.

Acontece que o telejornalismo da Globo hoje atravessa a melhor fase da sua história (desde a abertura democrática). O padrão Global de Qualidade Jornalística (se é que existe) embora ainda esteja longe de satisfazer as novas necessidades de contextualização e continuidade, está no caminho certo para lá chegar. Matérias mais longas, mais esclarecimentos, mais reportagens (em lugar da controvérsia apenas), mais serviço público, mais defesa do consumidor, mais internacional, mais densidade, mais crítica [...] A verdade é que o *Jornal Nacional* mudou para melhor. (REZENDE *apud* DINES, 1997).

Em 1998, a então âncora do JN, a jornalista Lilian Witte Fibe, acabou por deixar o programa devido “ao seu baixo grau de *empatia* junto à audiência e sua insatisfação com a linha editorial do telejornal” (Rezende, 2000, p. 142). Com isso o JN escalou Fátima Bernardes, para substituir Lilian. William Bonner e Fátima Bernardes passaram a ser o casal preferido pelo Ibope. Junto às mudanças de apresentadores, o telejornal trocou as notícias consideradas relevantes, por “reportagens lacrimosas, curiosidades do mundo animal, ou intermináveis inventários sobre a vida de celebridades” (Rezende *apud* Veja 1998, p. 46). Na época, o editor do *Jornal da Band*, Paulo Henrique Amorim, disse que “O *Jornal Nacional* se transformou em mais um produto da linha de entretenimento da Globo [...] não há mais notícias ali” (Veja, 1998, p. 48).

Mesmo com tantas acusações, o JN continuava sendo o principal telejornal para grande parte dos brasileiros. “E talvez por causa dessa fórmula tão bem-sucedida de combinar realidade e ficção, em setembro de 1998, só em São Paulo, o JN atraía diariamente um público de 3 milhões e 200 mil telespectadores, correspondentes a 40 pontos no Ibope” (Rezende *apud* Folha de S. Paulo, 1998, p.2).

Como todos os veículos jornalísticos, o JN busca aquilo que os profissionais chamam de “furo”: uma informação de grande importância que nenhum outro jornal, site ou programa tenha tornado pública antes. O furo é o alimento da alma dos jornalistas. (BONNER, 2009, p. 13).

Em dezembro de 2011, após 14 anos de bancada, juntamente com William Bonner, Fátima Bernardes deixa o JN para dedicar-se a um novo projeto: o programa *Encontro com Fátima Bernardes*. O lugar de Fátima foi assumido pela jornalista Patrícia Poeta, apresentadora do *Fantástico*. Três anos depois, o JN passou por uma nova mudança de âncora. Patrícia Poeta deixa a bancada, que foi substituída por *Renata Vasconcellos*, que também apresentava o *Fantástico*. Renata e Bonner continuam até o presente momento na bancada do *Jornal Nacional*.

3.2 A Nova Face do Jornalismo no Jornal Nacional

Durante anos o telejornalismo da TV Globo foi se aperfeiçoando. Atualmente, o telejornal que tem 45 minutos de tempo de duração, ocupa cerca de 20% da grade de programação da emissora, segundo estudo da jornalista Ingrid Borges Duarte Pereira

(2015), sendo o Jornal Nacional, exibido a partir das 20h30, com cerca de 1h20min de tempo. O ano de 2015 foi de grandes mudanças para o jornalismo da Rede Globo, em especial ao do Jornal Nacional. O telejornal foi reformulado. O cenário ficou mais moderno, os apresentadores passaram a se levantar da bancada, previsão do tempo passou a ser ao vivo, mais conversada e explicativa, com uma linguagem que se aproximava ainda mais do telespectador. Essa informalidade permitiu aos apresentadores a inclusão de comentários pessoais sobre as matérias. Em um levantamento da *Controle da Concorrência*, o Jornal Nacional aumentou intensamente a interatividade. Em uma avaliação realizada em abril de 2015, poucos dias depois da reformulação do JN, mostrou que 34%, o equivalente a 17min46seg dos 53min de duração do jornal, foram dedicados exclusivamente para a interatividade entre âncoras e repórteres.

Conforme Pereira (2015), o editor-chefe adjunto do JN, Fernando Castro, afirmou em entrevista que a mudança trouxe mais informalidade ao telejornal, mudança essa que também pode ser notada no próprio cenário. A forma com que os conteúdos são apresentados, as conversas entre Willian Bonner e Maria Júlia Coutinho, apresentadora do quadro da Previsão do Tempo, são um exemplo dessa mudança.

Quando você é informal, corre o risco até de ofender alguém. Então não pode ser informal demais. Esse limite, o quanto você faz, é exatamente o que a gente está fazendo agora, tentando ser o mais natural possível para que a gente introduza os assuntos, dê as notícias, forneça as informações de uma forma mais natural possível. Até acho que a palavra “natural” seja até melhor do que a palavra “informal” e é um desafio diário nosso. O Jornal Nacional continua sendo um produto jornalístico (Pereira *apud* Castro, 2015, p. 58).

Segundo Castro (2015), vários estudos foram feitos antes da mudança, envolvendo vários departamentos. Grande parte desta mudança também foi atribuída à Internet, devido a grande quantidade de informações que são divulgadas na rede e a facilidade com que se pode manter informado.

As intervenções gráficas estão mais presentes neste novo formato, seja nas matérias ou na própria bancada. O fato se consome com o objetivo de tonar o JN mais contemporâneo. Outra mudança ocorrida foi à valorização da arte na bancada do telejornal, onde ao fundo é possível notar a presença de um telão, no qual são exibidas imagens em alta resolução. Conforme Pereira (2015)

Antes, ao ler a cabeça de uma matéria sobre a Operação Lava-Jato, por exemplo, não havia nada atrás de Renata Vasconcellos que indicasse o assunto [...]. No novo formato, só pela imagem já sabemos que a reportagem trata da Operação Lava-Jato. A arte com dinheiro escorrendo pelo duto tornou-se característica em matérias sobre o esquema de corrupção da Petrobrás. (PEREIRA. 2015, p. 74-75)

A forma com que os âncoras apresentam o JN, também mudou. Conforme Pereira (2015) neste novo formato, os apresentadores tem mais liberdade para caminhar pelo cenário. Na própria previsão do tempo ou nos *links* com os repórteres, eles se levantam e vão em direção ao telão, conforme veremos no próximo subtítulo.

3.3 O Quadro da Previsão do Tempo no Jornal Nacional

O Quadro da Previsão do Tempo do Jornal Nacional começou a ser exibido na década de 1980, inicialmente como uma nota de serviço. Em 1991, foi apresentado pela jornalista Sandra Annenberg. O quadro era produzido em São Paulo e gerado para o Rio de Janeiro por volta das 19h. Na época, a previsão do tempo seguia um padrão diferente do atual.

Eles achavam que assim eu dividiria a atenção com o mapa. Como o mapa era a grande estrela, eu tinha que levar o público até ele e, para isso, eu dava as costas para o telespectador. Eu falava para os meus chefes: 'Eu não posso dar as costas para o telespectador. Eu sempre aprendi que você tem que falar de frente para as pessoas'. Mas eles achavam que não, que eu tinha que levar o público até o mapa e mostrar onde estavam as coisas. Então assim, foi" (PEREIRA *apud* MEMÓRIA GLOBO, 2015, p. 60)

Ao longo do tempo, o Quadro que passou várias alterações, foi se aperfeiçoando conforme a exigência de seus telespectadores, amplificando sua cobertura ligada à meteorologia. Acabou ganhando um destaque maior, ficando inclusive, mais descontraído com a apresentadora Maria Júlia Coutinho.⁴ “Esbanjando carisma, a garota do tempo, que está na TV Globo desde agosto de 2007, fala de maneira simples e está quase sempre sorrindo”, conforme Pereira (2015, p. 52).

Antes, a previsão do tempo era exibida logo após uma notícia relacionada com o comportamento do tempo em algum lugar, por exemplo, se a presença de temporais

⁴ Maria Júlia Coutinho: é uma jornalista da TV Globo que ficou conhecida pelo público como Maju após o apresentador do "Jornal Nacional" William Bonner revelar o seu apelido ao vivo no telejornal. (PURE PEOPLE, acesso em 2016)

devastou plantações. Rodava então, uma vinheta⁵ com o logotipo indicando que a previsão do tempo iria começar. Hoje é o próprio âncora⁶ do JN anuncia o momento da previsão. Ele se levanta e vai em direção a tela conversar, ao vivo, com Maria Júlia Coutinho.

Maria Júlia Coutinho também conta com auxílio de mapas e de imagens de satélites que dão acesso a todas as cidades do Brasil e do Mundo. Conforme Pereira (2015), neste novo formato os apresentadores conversam com Maju através de um telão, que dá a ideia de que ela está do lado do âncora. A tecnologia teve papel fundamental na mudança do quadro da Previsão do Tempo, como veremos no capítulo a seguir que traz a análise do objeto de estudo desta pesquisa.

3.4 Metodologia

Para a análise desta pesquisa, foram selecionados três quadros da previsão do tempo que enquadram nas mudanças de cenário e linguagem, ocorridas no Jornal Nacional nos últimos cinco anos. A metodologia escolhida para a análise é o Modo de Endereçamento, que imbrica nos operadores de análise *mediador* e *contexto comunicativo*. A seguir, a descrição dos quadros de 2011, 2013 e 2015.

Modo de Endereçamento surgiu na análise fílmica e desde os anos 80, é utilizado para interpretação do modo como os programas televisivos constroem sua relação com os telespectadores.

Modo de endereçamento é aquilo que é característico das formas e práticas comunicativas específicas de um programa, diz respeito ao modo como um programa específico tenta estabelecer uma forma particular de relação com sua audiência. A análise do modo de endereçamento associada ao conceito de gênero televisivo deve nos possibilitar entender quais são os formatos e as práticas de recepção solicitadas e historicamente construídas pelos programas jornalísticos televisivos. (GOMES *apud* MORLEY; BRUNSDON, 2011, p. 33)

⁵ Vinheta: As vinhetas [...], são projetos de *design* que compreendem imagem em movimento e som. É o principal meio pelo qual as emissoras firmam suas identidades audiovisuais. Utilizamos o plural “identidades” porque esse conceito, que se busca estabelecer por meio do *design*, não se restringe apenas à rede televisiva, com a criação de um logotipo/marca [...]. (Schiavoni, 2008, p. 09)

⁶ Âncora: Apresentador de telejornal. Emite comentários e/ou faz análise dos assuntos abordados nas reportagens. Também pode ser o editor-chefe. (Bistane e Bacellar, 2014, p. 131)

Na televisão, o conceito é aplicado para ajudar a entender como um determinado programa se relaciona com a audiência a partir da construção de seu próprio estilo, estilo esse que o identifica e diferencia dos demais programas. Conforme Gomes *apud* Morley e Brunsdon (2011, P. 35), o modo de endereçamento é caracterizado “pela relação que o programa propõe para ou em conjunto com a sua audiência”.

Para Gomes (2011), a análise de programas tele jornalísticos, conceitua meios que caracterizam os dispositivos semióticos da TV, elementos da linguagem televisiva, sendo esses os recursos de filmagem montagem e edição de imagem e de som dos programas jornalísticos, além dos componentes verbais.

A análise objetiva descobrir o que é específico da linguagem televisiva, como foi construída num determinado programa e como é compartilhado pela audiência. “A gravação ao vivo, as simulações, bem como infográficos, mapas do tempo, vinhetas, telões e cenários virtuais formam o conjunto dos recursos que, para além de credibilidade, dão agilidade e ajudam a construir a identidade dos programas e das emissoras” (Gomes, 2011, p. 37). No entanto, a análise do texto verbal prevê que sejam descobertos as estratégias utilizadas pelos mediadores para a construção das notícias, a relação com a audiência e a construção da credibilidade.

Para chegar ao resultado final, foi escolhido analisar os quadros da previsão do tempo que se enquadram no objetivo deste estudo, sendo estes exibidos nos últimos cinco anos, de 2011 a 2015. Ambos representam a forma com que a previsão evoluiu nestes últimos anos. Foram escolhidos um quadro exibido no Jornal Nacional do dia 13 de outubro de 2011, outro no dia 14 de fevereiro de 2013 e o último quadro analisado, do dia 07 de julho de 2015. As datas em que as previsões foram exibidas foram escolhidas, respectivamente, conforme a disponibilidade dos quadros na internet, no sentido de permitir o armazenamento e disponibilidade para a banca. (Ambos os quadros das previsões podem ser consultados no CD que encontra-se anexado na página 20).

3.5 Operadores de Análise

Os Operadores de Análise do Modo de Endereçamento foram criados a partir da perspectiva de ampliar as formas de identificar ainda mais os elementos comunicacionais. Itania Gomes (2011) define Modo de Endereçamento como sendo

É o modo mesmo de configuração dos programas que dirá ao analista a partir de quais operadores um programa concreto se constrói. Os operadores se articulam entre si, não devem ser observados nem interpretados isoladamente. Ao mesmo tempo, é importante tomar em conta que o objetivo de análise não deve ser descrever ou interpretar cada um dos operadores isoladamente, mas, através dos operadores, acessar o modo de endereçamento de um programa específico: os operadores são os “lugares” para onde o analista deve olhar não o fim último do esforço analítico. (GOMES, 2011, p. 37-38)

Conforme a autora, os operadores de análise foram então definidos como:

- a) O *mediador*. São programas jornalísticos televisivos, apresentados por âncoras, comentaristas, correspondentes e repórteres. O apresentador é tido como a figura central, é ele que constrói a ligação entre o telespectador. Para Gomes (2011), é fundamental analisar quem são os apresentadores para entender o que são os modos de endereçamento.
- b) O *contexto comunicativo*. Refere-se ao contexto em que o processo comunicativo se dá. Contexto esse que compreende o emissor, o receptor e demais as circunstâncias espaciais e temporais.
- c) O *pacto sobre o papel do jornalismo*. Trata sobre a relação entre programa e telespectador. É um pacto que conta com uma série de acordos sobre o papel do jornalismo na sociedade que dirá ao telespectador o que deve esperar ver no programa.

Ambos operadores foram escolhidos em função dos objetivos da pesquisa, que visam analisar a evolução do quadro, os elementos da linguagem audiovisual e verbal, o cenário e os recursos técnicos, onde incluem-se os mediadores.

3.6 Descrição dos Quadros

A análise evolutiva do quadro da Previsão do Tempo do Jornal Nacional começa a partir de 2011. Os quadros serão analisados individualmente, suas questões referentes ao tempo, cenário e linguagem. Após esta etapa, ambos serão comparados para então podermos entender a evolução ocorrida durante este tempo, entre um quadro e outro, até o último quadro, do ano de 2015. Os quadros escolhidos pertencem as seguintes datas: 13 de outubro de 2011, outro no dia 14 de fevereiro de 2013 e 07 de julho de 2015. A partir desta análise será possível chegar à conclusão final sobre as características da evolução do quadro previsão do tempo do JN.

3.6.1 Programa 1: 13 outubro de 2011 (ANEXO 1)

Figura 1 – Rosana Jatobá. Apresentação do quadro da previsão do tempo no Jornal Nacional, em 13 de outubro de 2011.



(Fonte: You Tube)

O quadro era gravado, o que fica evidente devido à inserção dos mapas em 3D, o que exige programa de edição. Conclui-se também que o quadro é isolado das demais informações do JN, pelo fato da vinheta ser introduzida anunciando que a previsão “vai começar”. Logo após a vinheta, aparece o cenário, o qual é diferente do cenário onde os âncoras estão apresentando Jornal Nacional. Neste dia o quadro durou 45 segundos e foi apresentado pela jornalista Rosana Jatobá. A jornalista movimentava-se no cenário para explicar a situação do clima e do tempo de cada região. Conforme a entonação de voz de Rosana identifica-se a estabilidade na fala do texto, que por sua vez não transmite emoção: “A sexta-feira será de tempo abafado e de temporais em grande parte do Brasil” A narração da jornalista é calma e que, em partes, dá abertura para a trilha sonora. O texto é claro, direto e objetivo, característico de televisão: “o sol brilha forte, e nada de chuva nas regiões nas duas áreas claras”.

3.6.2 Programa 2: 14 de fevereiro de 2013 (ANEXO 1)

Figura 2 – Flávia Freire. Apresentação do quadro da previsão do tempo no Jornal Nacional, 14 de fevereiro de 2013.



(Fonte: Globo Play)

Nesta edição da previsão do tempo do JN, algumas características do quadro anterior permanecem. Inicialmente o quadro também é introduzido com uma vinheta de abertura, indicando que a previsão vai começar. Porém, nesta edição nota-se que o mapa em 3D no qual a jornalista Flávia Freire apresenta está mais amplo. Ao fundo percebe-se a presença de uma imagem aérea, possivelmente sendo da cidade de São Paulo. O enquadramento desta vez é aberto, o que dá visibilidade maior do cenário e da movimentação do jornalista. Linguagem objetiva, com frases curtas, mas nesta edição podemos notar a presença de certa coloquialidade nas frases, quando a jornalista fala: “O mapa com a previsão até a próxima quarta-feira mostra *muita água* [...]”. A expressão ‘muita água’ poderia, por exemplo, ser substituída pelo possível número de milímetros que iria chover naquele dia. Observa-se também que neste dia o quadro da previsão teve duração de tempo maior do que era de costuma. Foi cerca de 1min20seg, que neste caso foi preenchido por mais informações, como pode ser notado na frase que ela fala: “somente amanhã pode chover a metade da média prevista pra todo o mês de fevereiro, em algumas dessas áreas. No sul, a chuvarada será provocada por ventos que chegam da Amazônia, carregados de umidade. No norte e no nordeste a explicação é a zona de convergência intertropical: uma faixa de nuvens muito carregadas, comum nesta época”. É possível perceber que há uma explicação maior sobre a origem fenômenos que ocorrerão nas regiões do mapa citadas pela jornalista. Neste ano, já há uma preocupação maior em levar a informação mais contextualizada ao telespectador.

3.6.3 Programa 3: 07 de julho de 2015 (ANEXO 1)

Figura 3 – Maria Júlia Coutinho. Apresentação do quadro da previsão do tempo no Jornal Nacional, 07 de julho de 2015.



(Fonte: Globo Play)

Em 2015, após a mudança ocorrida no Jornal Nacional, conforme citado anteriormente, a previsão do tempo consequentemente também passou por reformulações. A partir desta mudança, não entra mais vinheta anunciando que a previsão vai começar. O apresentador do JN, neste caso, Willian Bonner, é quem se levanta da bancada e vai em direção ao telão. Neste percurso ele anuncia que a previsão vai começar. No dia escolhido para a análise do quadro Bonner fala: “agora é hora da previsão do tempo e eu vou ali conversar com a Maria Júlia Coutinho”. A linguagem utilizada pelo apresentador soa como se Maria Júlia estivesse perto do estúdio, porém, ela entra ao vivo direto de São Paulo. Graças à moderna tecnologia usada no jornal, o telão gigantesco em que a jornalista aparece traz a sensação de que ela realmente esta presente de corpo no estúdio do JN. Maria Julia conversa com Bonner, que ainda faz uma brincadeira:

Bonner: “Eu vou tirar uma dúvida de natureza técnico-geriátrico. Maju, boa noite!”.

Maju: “Nossa! Boa noite”.

Bonner: “Posso fazer minha pergunta? ‘Cê’ sabe, o tio tá ficando velhinho, a memória vai piorando, mas eu juro pra você, quando eu morava em São Paulo, era criança, região sudeste. No inverno era estação seca, Maju. Que que tá acontecendo?”.

Maju: “Pois é. Você adivinhou meu tema de hoje, Bonner! Vou explicar, vou explicar, mas me deixa só falar um negócio antes. Boa noite pra você, pra Renata, pra todos. Agora Bonner, já tem chuva olha, no interior do Rio Grande do Sul, em Florianópolis, Curitiba, Salvador, Recife, Porto Velho e São Paulo. É isso que ‘cê’ falou mesmo, a capital paulista está vivendo um período atípico [...]”.

Após Maria Júlia repassar todas as informações, Bonner ainda brinca: “Maju, obrigado pela previsão do tempo pra amanhã e também por tirar do meu ombro esse temor de que minha memória estava me traindo”.

Maju: “Não, você tá bem, tá bem. Tá ‘veinho’ não. Tchau!”.

Bonner: “Até amanhã”.

Podemos observar de que não há preocupação por parte dos jornalistas em manter uma linguagem técnica, isso fica evidente no momento em que Bonner chama Maria Júlia, ele mesmo se utiliza como exemplo para fazer uma pergunta sobre a situação do tempo em São Paulo: “‘Cê’ sabe, o tio tá ficando velhinho, a memória vai piorando, mas eu juro pra você, quando eu morava em São Paulo, era criança, região sudeste”. Maciel (1995) explica que diante do telespectador, o jornalista tende a se comportar como se estivesse contando a notícia para um amigo, ou parente.

Podemos notar também que ao citar o exemplo do *tio*, Bonner busca uma identificação com o telespectador, humanizando a linguagem. Também nota-se linguagem mais descontraída é predominante. Utilizam o ‘cê’ ao invés de você. Ao final da apresentação da previsão, Bonner agradece Maria Júlia e, mais uma vez, brinca dizendo: “Maju, obrigado pela previsão do tempo pra amanhã e *também por tirar do meu ombro esse temor de que minha memória estava me traindo.*” Maria Júlia entra na brincadeira e responde: “Não, você tá bem, tá bem. Tá ‘veinho’ não. Tchau!”. A conversa tem uma conotação mais solta, leve e descontraída, porém não perde o foco, que é o de informar a previsão do tempo. Ao contrário dos outros anos, nesta nova edição a previsão teve uma duração de tempo muito maior. Neste dia durou 3min30seg, incluindo a interação de Bonner com Maju, um tempo bem maior do que era de costume para o quadro da previsão, que era de pouco mais de 1 minuto. Essa interatividade é perceptível e comprovada na pesquisa citada anteriormente, que mostra que depois da nova reformulação, o JN dedica em torno de 17min, dos 53min de duração do jornal, para a interação entre âncoras e repórteres.

3.7 Análise Conforme Operadores de Análise

3.7.1 O Mediador

Relativo ao objeto deste estudo, a evolução do quadro da previsão do tempo do Jornal Nacional, podemos destacar quanto à presença dos mediadores, as jornalistas “moças do tempo”, Rosana Jatobá e Flávia Freire, ambas que apresentaram o quadro da previsão do JN em 2011 e 2013, respectivamente, seguiam um padrão de idade. As duas vestem um figurino mais clássico, blazer e calça, o que coincide com a maior formalidade do quadro. Nesse sentido, a Maju vem inovar não só a linguagem, mas também o figurino. Ou seja, a maior coloquialidade do quadro não se resume à linguagem verbal, mas também icônica. Para Maciel (1995) é normal que ocorra uma mudança na linguagem, pois conforme necessidade ela vai aperfeiçoando-se, para que o telespectador a receba cada vez mais explícita.

Em 2011 não havia atribuições à interatividade na apresentação do quadro, por parte da jornalista Rosana Jatobá. Todavia a jornalista deslocava-se, em poucos passos, para apresentar os mapas. A interatividade da jornalista limitava-se mediante ao texto que ela falava. Conforme vimos anteriormente, Curado (2002) explica que cada jornalista tem o seu próprio estilo de construir o texto, bem como repassar as informações. Nisso é preciso comunicar com o máximo de clareza possível. Assim como fica facilmente compreensível no texto de Jatobá, quando ela fala “o sol brilha forte e nada de chuva nas duas áreas claras”.

Na reformulação do JN, Bonner, que anteriormente não tinha participação direta na previsão do tempo, passou a ter o papel de mediador com as mudanças promovidas. Como citado anteriormente, ele é quem anuncia que a previsão vai começar, levantando-se da bancada e indo em direção ao telão onde Maju está. Esta mudança passa a ser uma forma de chamar a atenção do telespectador para a previsão e valorizar o quadro no programa. O fato de ele ir até a janela da previsão, também é uma forma de mostrar a importância do quadro. Ou seja, ele se levanta para prestar atenção e conversar com a jornalista, tirando dúvidas etc. Além disso, Maju também faz referência à outra âncora que está na bancada. É a previsão do tempo saindo dos laboratórios de pesquisa e chegando à sala do telespectador mais detalhada, clara e informatizada. A corrida para divulgar primeiro as informações, trouxe em discussão

que notícias fossem informadas cada vez mais completas e com qualificação, o que remete ao Jornalismo Especializado, que para Bueno (2015), conforme visto anteriormente, é a parte em que se consolidam os conteúdos, onde se extrai da parte técnica e se leva para a coloquialidade da linguagem jornalística.

Contudo, a figura do mediador carrega um peso importante na apresentação da notícia. Maciel (1995) afirma que diante do telespectador, os jornalistas devem se comportar como se estivessem contando a informação para alguém próximo, um amigo ou parente. Em 2015, quando a jornalista Maria Júlia Coutinho passou a apresentar a previsão do tempo no Jornal Nacional, houve uma grande repercussão referente à figura que ela passou a representar no telejornalismo. Tudo isso fruto justamente destas mudanças no telejornalismo da TV Globo, que humanizaram a previsão do tempo. Podemos observar quanto sua roupa, que passou a ser mais despojado, combinando com a linguagem informal. Tons mais alegres, como neste caso, o rosa, passaram a fazer parte do novo formato da previsão do tempo do JN. Apesar de Maria Júlia estar no centro do país, divulgando a previsão diretamente de São Paulo, ela busca uma aproximação com os telespectadores, independentemente da região. Isso fica evidente quando se utiliza da coloquialidade e de expressões, como: “E aqui na região sul é uma chuva daquelas, viu! Com raios e rajadas de vento. Pra vocês terem uma ideia do que eu tô falando gente, olha só a quantidade de nuvens sobre essas áreas onde pode chover [...]”.

Quanto à linguagem, Rezende (2000) observa que é de fundamental importância a identificação do perfil do público que acompanha o noticiário, todavia que este detalhe vai interferir consideravelmente na forma de comunicação que o jornalista vai utilizar para expressar-se, com o objetivo de obter maior eficácia na transmissão da informação.

3.7.2 Contexto Comunicativo

No contexto dos Operadores de Análise dos Modos de Endereçamento (2011), assim como por mediadores entende-se os profissionais, em geral jornalistas, que atuam no programa, o contexto comunicativo envolve o emissor, o telespectador e as circunstâncias espaciais e temporais em que o processo comunicativo ocorre, ou seja, os recursos técnicos, cenários e plástica do programa.

Nos últimos anos a evolução tecnológica esteve presente no jornalismo, em especial na previsão do tempo. Podemos perceber que nos quadros analisados, isso se

intensificou claramente, como por exemplo, nos mapas onde são identificadas as regiões passaram a ser mais completos, mais detalhados. Figuras em 3D, uso da computação gráfica, são elementos que fazem parte dessa evolução, que chama atenção para a linguagem também. Além da previsão do tempo, são divulgadas outras informações referentes ao clima e tempo. Conjuntamente a isso, os recursos técnicos passaram a ter um papel extremamente importante para divulgação das notícias.

Conforme visto anteriormente, dessa forma é que o jornalismo de serviço se faz presente na televisão devido ao fato de estarmos vivendo em uma sociedade da informação e consumo. As pessoas buscam informações atualizadas a todo o momento. Para Ana Carolina Temer (2003), o jornalismo de serviço divulga informações que tornem o dia do público, que sejam relevantes. Nisso, se tornou necessário aprofundar as informações, torna-las atraentes ao público, fazendo com que o mesmo entendesse do que está sendo falado. De acordo com Squirra (1993), hoje em dia os recursos tecnológicos a serviço do jornalismo possibilitam que o acontecimento seja contado logo depois de sua execução e que mostrem também toda a dimensão do ocorrido. Quanto a isso, podemos destacar que a previsão do tempo de 2015, foi muito mais além do se costuma ir nos quadros anteriores. Em 2011 eram divulgadas apenas as informações básicas, referentes à situação do clima e do tempo do dia seguinte. Não se tinha uma explicação aprofundada do por que determinada região enfrentava dias de chuva, por exemplo. No quadro de 2013 há uma leve mudança em relação ao ano de 2011, mais precisamente na própria questão de informações e quanto ao cenário. Uma linguagem diferente, exigiu que o cenário fosse modificado. Em 2015, ano das grandes mudanças no JN, como citado anteriormente, acrescentou ao jornal uma previsão com apresentação ao vivo. Continua-se, porém, a presença dos mapas em 3D, mas desta vez, muito mais avançado e explicativo, acompanhando o texto da apresentadora, que ao mesmo tempo pode conversar com Bonner, através de um telão, ao vivo.

Mas essa mudança no cenário pode ser atribuída também a outros aspectos. Moreira *apud* Verón e Carlón (2016), em assunto tratado em tópico anterior aponta que na América Latina existe uma crise da programação, devido ao fato de que as pessoas já não precisam assistir ao programa no momento em que será exibido, pois posteriormente ele estará disponível em outro meio eletrônico, onde os telespectadores poderão assisti-lo em qualquer lugar e horário.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em consideração ao que foi analisado no presente estudo, pode-se concluir que as mudanças ocorridas no quadro da previsão do tempo se caracterizam por serem de natureza de um jornalismo que ganha cada vez mais espaço: o jornalismo especializado, que se enquadra no gênero utilitário.

O estudo permitiu constatar que com as mudanças registradas no quadro, é possível transformar o que era considerado um mero serviço com mapas e dados, em um assunto interessante, que chama atenção do telespectador, graças ao uso de uma linguagem mais coloquial, a interatividade dos mediadores e aos recursos técnicos que permitem que a previsão chegue até a sala do telespectador, de uma maneira mais espontânea, interativa e com mais conteúdo, que de fato chame a atenção do público que assiste.

O estudo concluiu que nos últimos cinco anos o quadro passou por alterações constantes de linguagem e audiovisual, visando o modelo que melhor se enquadrasse aos telespectadores que neste horário assistem o programa. Outro fato observado referente à evolução do quadro, é que a mesma se deu constantemente. Foram anos em busca de uma linguagem e cenários ideais, que resgatassem o público que estava trocando os canais abertos, pelos canais por assinatura ou programas na internet. A solução encontrada pelo programa foi de introduzir, principalmente, uma linguagem coloquial, que fosse mais leve e fácil entendimento pelos telespectadores, visto que eles são de várias faixas etárias e classes sociais.

Conforme visto anteriormente, na nova fase do JN, pode-se notar a presença da informalidade, bem como a intervenção gráfica, que segundo o Pereira (2015), chefe adjunto do JN, a mudança ocorrida no jornal foi atribuída em grande parte pela internet, devido a grande quantidade de informações disponíveis, bem como a facilidade com que se pode conseguir as informações.

Com o que foi analisado até o presente momento, podemos perceber que nos últimos anos o telejornalismo brasileiro, vem se alterando e se adaptando anualmente, não somente no que se diz respeito aos recursos tecnológicos, mas também nos recursos de narração. Aquele jornalismo tradicional está sendo deixado de lado, para dar chance a um formato que se comunique mais diretamente com o público. O estudo foi uma contribuição inicial para pesquisas mais avançadas referentes à meteorologia no

telejornalismo, pois não há material para análise suficiente para que seja possível afirmar como será a evolução futura desta parte do jornalismo. O estudo ao mesmo tempo contribuiu para o enriquecimento acadêmico, em especial, no telejornalismo, no sentido de compreender as modificações do meio e desta nova face em que o jornalismo está sendo inserido.

Para realizar este estudo fez-se uso do método de pesquisa dos modos de endereçamento, tendo como principais operadores de análise o mediador e o contexto comunicativo. A partir disso, será concluído se este estudo evolutivo atendeu ou não as expectativas, respectivamente propostas. Os três quadros, um do dia 13 de outubro de 2011, o segundo dia 14 de fevereiro de 2013 e o terceiro e último, do dia 07 de julho de 2015. Ambos os quadros foram escolhidos em datas aleatórias mas que representam um marco nas mudanças de linguagem e audiovisuais recorrentes nessas datas. Os quadros analisados passaram por uma constante evolução no cenário, na linguagem e no formato. Mudanças estas decorrentes a uma série de fatores, os quais podemos citar o intuito de fazer com que o jornalismo se torne mais atraente aos olhos dos telespectadores, que por vezes estão optando por assistir canais a cabo, ou demais programações da internet. Este novo formato, o apresentado em 2015, chega com o intuito de “quebrar” o tradicional jornalismo, até então feito. Uma forma mais leve, descontraída e atraente aos olhos dos telespectadores que no horário em que o quadro é exibido – durante o Jornal Nacional.

5 REFERÊNCIAS

BISTANE, Luciana. BACELLAR, Luciane. *Jornalismo de TV*. São Paulo: Contexto. 2005.

BONNER, William. *Jornal Nacional Modo de Fazer*. 1 ed. São Paulo: Globo S.A. 2009.

CARVALHO, Alexandre... [et al.]. *Reportagem na TV: como fazer, como produzir, como editar*. 1 ed. São Paulo: Contexto. 2015.

CURADO, Olga. *A notícia na TV: O dia-a-dia de quem faz telejornalismo*. São Paulo: Alegro. 2002.

ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 7, 2009, Porto Alegre. *No ar a meteorologia além da previsão do tempo: um breve histórico das notícias climáticas no telejornalismo e perspectivas com a TV digital no Brasil*. Porto Alegre: UFRGS. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/No%20ar%20a%20meteorologia%20alem%20da%20previsao%20do%20tempo.pdf>>. Acesso em 06 de out. de 2016.

GOUVEIA, D. M. *TV transmídia: reconfigurações da televisão diante da cultura da convergência*. Portal Intercom. Disponível em <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-1347-1.pdf>>. Acesso em 20 de out. de 2016.

Jornalismo especializado no Brasil: teoria, prática e ensino.Org. SANTOS, Marli dos. BUENO, Wilson da Costa. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2015. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/Jornalismo%20especializado%20no%20Brasil12-4-2015%20\(3\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/Jornalismo%20especializado%20no%20Brasil12-4-2015%20(3).pdf)>. Acesso em 17 de set. 2016.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 7 ed. São Paulo: Ática. 2002.

MACHADO, Arlindo. *A televisão levada a sério*. 2 ed. São Paulo: Senac São Paulo. 2000.

MACIEL, Pedro. *Jornalismo de televisão*. 1 ed. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto. 1995.

MELO, José Marques de. *A opinião no jornalismo brasileiro*. 2 ed. Petrópolis: Vozes. 1994.

MEMÓRIA GLOBO. *Jornal Nacional*. Acesso em 23 de setembro de 2016. Disponível em:<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/mudanca-na-apresentacao-e-no-tempo.htm>> Acesso em: 18 de set. 2016.

MORAIS, A., & REIS, H. *A meteorologia no telejornalismo contemporâneo: Um estudo de caso do programa "Jornal Hoje"*. Portal Intercom. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0527-1.pdf>>. Acesso em 15 de set. de 2016.

MORAIS, A., & REIS, H. *A meteorologia no telejornalismo contemporâneo: Um estudo de caso do programa "Jornal Hoje"*. Portal Intercom. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0527-1.pdf>>. Acesso em 15 de set. de 2016.

Obras Citadas

PEREIRA, Ingrid Borges Duarte. *Jornal Nacional: a nova cara do telejornalismo da Globo*. Brasília, Distrito Federal. 2015.

PINELLI, Natasha. *O futuro da televisão*. Revista Galileu. Set. 2016. Disponível em <<http://revistagalileu.globo.com/Caminhos-para-o-futuro/Desenvolvimento/noticia/2016/09/o-futuro-da-televisao.html> >. Acesso em 05 de out. de 2016.

REZENDE, Guilherme Jorge de. *Telejornalismo no Brasil: Um Perfil Editorial*. São Paulo: Summus Editorial LTDA. 2000.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. *Gêneros e formatos na televisão brasileira*. São Paulo: Summus Editorial. 2004.

SQUIRRA, Sebastião. *Aprender telejornalismo: produção técnica*. 2 ed. São Paulo: Brasiliense S.A. 1993.

TRAQUINA, Nelson. *Teoria do Jornalismo. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. 3 ed. Florianópolis: Insular, V. II. 2013.

VAZ, Tyciane Viana. *Gênero Utilitário: Presença nos jornais Folha de S. Paulo e O Estado de S. Paulo*. Portal Intercom. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0204-1.pdf>. Acesso em 05 de set. de 2016.

ZUZA, E. d., & JESUS, A. *No ar a meteorologia além da previsão do tempo: um breve histórico das notícias climáticas no telejornalismo e perspectivas com a TV digital no Brasil*. Portal Intercom. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/No%20ar%20a%20meteorologia%20alem%20da%20previsao%20do%20tempo.pdf>>. Acesso em 06 de out. de 2016.

6 ANEXOS

ANEXO I – Link previsão do tempo exibida no Jornal Nacional em 13 de outubro de 2011:

<https://www.youtube.com/watch?v=vdqKahYyPCs>

ANEXO II – Link previsão do tempo exibida no Jornal Nacional em 14 de fevereiro de 2013:

<https://globoplay.globo.com/v/2407077/>

ANEXO III– Link previsão do tempo exibida no Jornal Nacional em 7 de julho de 2015:

<https://globoplay.globo.com/v/4305953/>